

O Verão Antes de Partirmos

O Verão Antes de Partirmos

Sebastian Rose

Lumina

O Verão Antes de Partirmos
Sebastian Rose

© 2026 Sebastian Rose
Todos os direitos reservados.

ISBN: 9789403950457

Editora: Lumina
Design da capa: Rose Design
Primeira edição, 2026
Publicado através da Bookmundo.

PARTE I

Há lugar para mais um

CAPÍTULO 1

A estaca que falta

À segunda queda da tenda, Inês ficou lá dentro.

Leonor viu desaparecer a cabeça da amiga, depois um braço, e por fim a embalagem de batatas fritas que ela tinha pousado sobre o saco-cama. A estrutura cedeu devagar, com uma espécie de resignação, até ficar reduzida a um monte verde sobre a terra.

Durante dois segundos não se ouviu nada.

— Estou bem — disse Inês, debaixo do tecido. — Obrigada pela preocupação.

Leonor continuava a segurar uma vareta.

Não sabia se devia largá-la. Na primeira queda tinha largado e Inês garantira que o problema fora esse. Agora segurava-a com as duas mãos, sem qualquer efeito visível.

— Não te mexas.

— Não estou a tentar fugir, Leonor. Estou à procura da saída.

Do outro lado do caminho, o homem da cadeira azul baixou o jornal.

Já as tinha visto tirar os sacos do carro que as trouxera, espalhar o conteúdo de um deles sobre a mesa e discutir acerca de qual das peças compridas servia para quê. Quando a tenda caíra pela primeira vez, fizera um ruído com a garganta que podia ter sido tosse.

Desta vez nem tentou.

— A porta ficou por baixo — informou.

Leonor olhou para ele.

— Nós sabemos.

Uma mão surgiu junto à terra, afastou uma dobra de tecido e desapareceu outra vez.

— Eu não sabia — disse Inês.

O homem inclinou-se para a frente, como quem acompanha uma manobra difícil na televisão.

— Se levantarem aí a ponta...

— Já estamos a tratar disso.

Leonor pousou finalmente a vareta. Ajoelhou-se, puxou o tecido para cima e encontrou a amiga deitada de lado, com o cabelo preso no velcro de uma janela.

Inês estendeu-lhe a embalagem.

— Salvei estas.

Leonor não conseguiu evitar um sorriso. Tentou escondê-lo mordendo o interior da bochecha, mas a amiga viu.

— Ah, agora tem graça.

— Tens o cabelo...

— Eu sei onde tenho o cabelo. É o único sítio de mim que continua agarrado à tenda.

Soltaram-no com cuidado. Quando Inês saiu, tinha uma agulha de pinheiro na sobrancelha e uma expressão que Leonor conhecia desde o nono ano: ainda se estava a divertir, mas faltava pouco para deixar de estar.

O sol batia no caminho entre os talhões. Havia sombra junto ao tronco do pinheiro, exatamente onde tinham empilhado as mochilas, a geleira e um saco de supermercado que deixara escapar dois tomates durante o transporte. A alguns metros, uma criança arrastava um balde vazio. O plástico raspava na terra com um ruído que começava a entrar na cabeça de Leonor.

Tinha imaginado a primeira meia hora de outra maneira.

Uma tenda montada, fatos de banho, uma ida à praia antes de o calor apertar. Talvez uma fotografia para mandar à mãe, que lhes pedira uma assim que chegassem.

Não uma imagem de Inês sepultada com um pacote de batatas.

— Onde estão as instruções? — perguntou.

Inês apontou para a mesa.

A folha estava debaixo do protetor solar, ao lado de uma chave que nenhuma reconhecia.

Leonor afastou o frasco. O papel abriu-se em quatro partes, cheio de desenhos minúsculos. Rodou-o. A tenda do desenho parecia estar a ser montada por duas pessoas satisfeitas, com os braços levantados à mesma altura.

— Isto está ao contrário — disse.

— O papel?

— A peça.

— Qual delas?

Leonor apontou para a vareta que acabara de pousar.

Inês olhou, primeiro para a vareta, depois para ela.

— Tu disseste que era assim.

— Porque tu disseste que tinha de entrar ali.

— Eu disse «será que entra ali?». Foi uma pergunta. Até levantei a voz no fim.

Atrás delas, um carro fechou-se com um estalo.

Leonor já tinha reparado no rapaz que descarregava duas cadeiras no talhão ao lado. Uma delas tinha um remendo de fita cinzenta no braço. Ele usava uma T-shirt escura, calções e ténis com pó junto às solas. Pousou as cadeiras, olhou para a tenda caída e veio até ao caminho.

— Querem uma mão?

Leonor levantou-se depressa demais.

— Não, obrigada. Já percebemos.

Ele olhou para a peça que ela segurava.

— Essa costuma entrar depois de...

— Sim. Nós vimos.

Inês abriu a boca.

Leonor sentiu-a abrir a boca sem sequer olhar para ela.

O rapaz ergueu ligeiramente as mãos.

— Está bem.

Não sorriu de maneira trocista, o que teria sido mais fácil de suportar. Limitou-se a voltar para o carro.

Inês ficou a observá-lo.

— Eu queria uma mão.

— Nós conseguimos montar uma tenda.

— Eu também consigo ir a pé para Lisboa. Não quer dizer que me apeteça.

Leonor dobrou as instruções pela linha errada.

O homem da cadeira azul voltou a levantar o jornal.

— A primeira custa mais.

— Já vamos na segunda — respondeu Inês.

Ele pareceu achar aquilo razoável.

No talhão ao lado, o rapaz abriu a bagageira. Outro apareceu atrás dele, com uma coluna de som debaixo do braço e um saco transparente cheio de pães.

— Trouxeste o supermercado? — perguntou o primeiro.

— Isto é para dois dias.

— São doze carcaças.

— Não são todas minhas.

O segundo rapaz pousou a coluna numa cadeira, olhou para a tenda no chão e assobiou baixinho.

— Modelo panorâmico.

Inês soltou uma gargalhada.

Leonor teve vontade de lhe perguntar de que lado estava.

Em vez disso, endireitou as instruções sobre a mesa.

— Vamos fazer outra vez. Desde o princípio.

Inês tirou a agulha de pinheiro da sobancelha.

— Posso beber água primeiro?

— Claro que podes beber água primeiro.

A resposta saiu mais seca do que Leonor queria.

A amiga abriu a geleira. Procurou entre garrafas, iogurtes e uma caixa que a mãe de Leonor insistira em mandar. Bebeu quase metade de uma água sem a tirar da boca.

Leonor baixou os olhos para os desenhos.

A peça B entrava na manga marcada com uma linha tracejada. Ou a linha tracejada indicava que a peça B devia passar por trás. A letra aparecia junto de um homem desenhado com um sorriso ridículo.

O pai tinha montado aquela tenda no jardim uma semana antes. Demorara oito minutos. Ela filmara os últimos dois, convencida de que bastava.

O vídeo começava com a estrutura de pé.

— Não precisavas de lhe responder daquela maneira — disse Inês.

— A quem?

— Ao rapaz.

Leonor passou um dedo sobre o desenho.

— Respondi normalmente.

Inês não discutiu. Era pior quando não discutia.

Sentou-se no banco de madeira, pousou a garrafa entre os pés e começou a tirar os ténis. Tinha uma marca vermelha no tornozelo.

Leonor viu-a massajar a pele, depois afastar com o pé uma pequena pedra.

As duas tinham passado meses a falar daquela semana. Inês guardara vídeos de praias, restaurantes, sítios onde ver o pôr do sol. Leonor fizera uma lista de coisas para levar, outra de despesas e uma terceira que não mostrara à amiga, com os dias em que teria de consultar o correio eletrónico.

Até ali, nada lhes parecera difícil.

— A sombra mudou — disse Inês.

Leonor olhou para o talhão.

A tenda, se algum dia chegasse a existir, estava a ser montada no único pedaço de chão onde o sol batia em cheio.

— Devíamos puxá-la mais para aqui.

Inês levantou a cabeça.

— Antes ou depois de a montarmos pela terceira vez?

Leonor pousou o papel.

Ficou um momento quieta, com calor debaixo do cabelo e pó agarrado aos joelhos. Depois aproximou-se da amiga e tirou a agulha de pinheiro que ainda lhe estava presa na alça.

— Antes.

Inês observou-a.

— E se eu disser uma coisa, vais ouvir até ao fim?

— Depende da coisa.

— Que saudades eu tinha de passar férias contigo.

Leonor riu-se. Desta vez não tentou esconder.

Puxaram a tenda, as mochilas e a geleira para junto da sombra. Um dos tomates voltou a sair do saco. Inês apANHOU-o e ergueu-o.

— Este já conhece melhor o parque do que nós.

A vareta grande entrou na manga sem dificuldade. A pequena recusou-se duas vezes, até Leonor perceber que estava a tentar fazê-la atravessar uma passagem que já tinha outra peça lá dentro.

Ao lado, os dois rapazes trabalhavam com uma eficiência irritante. O que trouxera a coluna falava sem parar. O outro respondia apenas quando era preciso. A tenda deles cresceu enquanto Inês procurava o martelo dentro de três sacos diferentes.

— Está na bolsa de fora — disse Leonor.

— Em qual bolsa de fora?

O homem da cadeira azul baixou o jornal uma terceira vez.

— Querem o meu?

Inês estendeu logo a mão.

— Muito.

Foi Leonor quem martelou as primeiras estacas.

Na quarta, bateu de lado e sentiu o metal vibrar-lhe até ao pulso. Mudou a posição, tentou outra vez e conseguiu.

Na quinta, deixou de haver estacas.

Esvaziaram o saco pequeno sobre a mesa. Saiu um pedaço de cordel, uma argola de plástico e uma folha seca.

Inês espreitou lá para dentro.

— Talvez esteja escondida.

— É um saco, Inês.

— Hoje já vi uma tenda esconder uma pessoa. Não descartar nada.

Leonor olhou para o canto solto.

A estrutura estava de pé. Um bocadinho torta, mas de pé. Faltava prender precisamente o lado onde o vento começava a levantar o tecido.

Podiam usar uma pedra. Havia pedras suficientes para prender um navio.

Experimentou uma. O cordel escorregou.

Experimentou outra. A tenda puxou-a pela terra.

No talhão ao lado, o rapaz da T-shirt escura agachava-se junto à bagageira.

Leonor ficou a olhar para o canto solto mais alguns segundos.

Depois atravessou o caminho.

— Desculpa.

Ele virou-se.

De perto, tinha uma marca clara no sítio onde habitualmente usaria um relógio.

— Diz.

— Tens uma estaca a mais?

Ele levantou-se, foi à tenda e trouxe uma. Não perguntou o que acontecera às delas.

Leonor pegou-lhe.

— Obrigada.

— De nada.

Era a altura de voltar.
Ela ficou.
— E... aquela peça que disseste.
Ele esperou.
Leonor apontou para a própria tenda.
— Entra mesmo depois?
O rapaz olhou para lá.
— Agora já não é preciso tirar tudo. Se soltarem aquele canto, dá para acertar.
— Podes mostrar?
— Posso.
Atravessaram juntos o caminho. Inês, sentada dentro da tenda, afastou logo os pés.
— Entra. A casa é tua.
— Só vou mexer aqui fora.
Ele soltou a ponta da vareta, endireitou o tecido e encaixou-a de novo. O teto subiu alguns centímetros. A entrada deixou de parecer uma boca torta.
Leonor segurou o canto enquanto ele prendia a estaca emprestada.
— Assim já aguenta.
— Obrigada — disse ela outra vez.
Inês espreitou pela porta.
— Eu sou a Inês.
— Tomás.
Ele olhou para Leonor.
— Leonor.
Tomás assentiu e limpou a terra das mãos.
Quando voltou ao talhão dele, Inês esperou até o ter fora de alcance.
— Era mais rápido se lhe tivesses dito o nome na primeira queda.
Leonor tirou-lhe o martelo da mão.
— Dá cá isso.
Ajoelhou-se junto à última estaca, baixou a cabeça e descobriu que estava a sorrir.

CAPÍTULO 2

Cinco dias

Diogo tinha levado uma extensão de dez metros para um talhão sem eletricidade.

Tomás percebeu quando o viu desenrolá-la junto ao tronco.

— Onde é que vais ligar isso?

Diogo seguiu com os olhos o cabo espalhado pela terra.

— Ali.

A caixa de ligações ficava no início do caminho.

— Está fechada.

— Pede-se.

— Não pagámos eletricidade.

Diogo segurou a ficha.

— Tu disseste que era um parque equipado.

— Tem casas de banho.

— A interpretação mais triste de «equipado» que eu já ouvi.

Tomás dobrou o saco da tenda e meteu-o na bagageira. Tinha chegado há menos de uma hora e já precisava de encontrar lugares para as coisas. As chaves ficaram no bolso pequeno da mochila. As carteiras, dentro da tenda. O saco das estacas, que agora tinha uma a menos, iria junto ao martelo.

Por cima do carro via-se a tenda de Leonor e Inês, finalmente direita.

Diogo começou a enrolar a extensão.

— A coluna aguenta até logo.

— Ótimo.

— Depois temos de a carregar.

— Também podemos passar uma noite sem música.

O amigo interrompeu o trabalho.

— Estás bem?

Tomás atirou-lhe o saco das estacas. Diogo apanhou-o contra o peito.

— Guarda isso onde não se perca.

— És assim no trabalho também?

— Pior.

As mensagens de Diogo sobre as férias chegavam quase sempre depois da meia-noite. Uma prancha insuflável. Uma geleira enorme. Luzes que mudavam de cor. Tomás respondia de manhã, antes de entrar na oficina, e perguntava quanto custava.

Vieram com a geleira do pai de Diogo, duas cadeiras antigas e uma tenda emprestada por um primo. As luzes ficaram numa lista chamada «essenciais», ao lado de uma máquina de fazer gelo.

Diogo mostrou-lhe a fotografia do aparelho.

— Ainda não percebi como é que isto não entrou.

— Viemos num carro, não num apartamento.

— Ninguém te está a pedir uma máquina de lavar.

— Ainda.

Tomás abriu a geleira. Água, queijo, fiambre, ovos cozidos e uma caixa de bifanas. A mãe escrevera a data num pedaço de fita colado à tampa.

— Isso é almoço? — perguntou Diogo.

— Uma parte.

— Boa. Vamos comer qualquer coisa à vila e levamos isso para a praia.

Tomás pousou a tampa.

— Temos comida.

— Estava a pensar num sítio com cadeiras.

Tomás abriu uma das deles. O braço remendado com fita cinzenta fez um estalo.

— Estás a negociar muito bem — disse Diogo.

Comeram à sombra, cada um com um pão na mão. A cadeira de Tomás afundou um pé na terra; teve de mudar de posição. Diogo entalara o telemóvel entre a geleira e uma mochila, virado para um vídeo que não carregava.

Tomás tirou da carteira os recibos da portagem e do combustível. Conferiu o total no telemóvel, acrescentou-o à nota das despesas e guardou os papéis.

Ainda havia margem para a ida a Milfontes. Diogo já a mencionara duas vezes. Depois disso, dependia de onde comessem e de quantas saídas resolvessem fazer.

A turma da formação começava em setembro, mas a reserva tinha de ser paga até 30 de julho. O dinheiro que já juntara ficara noutra conta.

— Pago metade da gasolina quando chegarmos a casa — disse Diogo.

— Está bem.

— O meu pai ficou de me transferir uma coisa.

Tomás dobrou a embalagem do pão.

— Está bem, Diogo.

O amigo deu outra dentada. Uma mosca insistia em pousar na tampa das bifanas.

Do outro lado do caminho, Inês tentava fechar uma espreguiçadeira muito baixa. Leonor segurava-lhe a outra ponta.

— Isso belisca — avisou Inês.

— Se tirares a mão...

— Se tirar a mão, fecha.

— É a ideia.

Diogo baixou o pão.

— Elas são sempre assim?

— Conheces as duas há vinte minutos.

— Já houve material para uma série.

Leonor tinha prendido o cabelo no alto da cabeça. Abaixou-se, encontrou a patilha da espreguiçadeira e fechou-a com um golpe seco. Quando se endireitou, voltou-se na direção deles.

Tomás procurou a tampa da geleira.

Diogo sorriu.

— Ah.

— Ah, o quê?

— Nada.

— Então come.

— Estou a comer.

Ao início da tarde, um carro entrou devagar pelo caminho, com uma mala de tejadilho e a janela do condutor aberta. Travou junto ao talhão seguinte.

— Isto é o quarenta e dois? — perguntou a mulher ao volante.

Diogo levantou o braço.

— Depende. Trazem eletricidade?

Ela tirou os óculos de sol.

— Não. Mas tenho um cabo para a bateria, se estiverem mortos.

Tomás indicou a placa presa ao pinheiro.

— É esse.

— Boa. Martim, podes parar de dizer que passámos o sítio.

O rapaz ao lado dela espreitou pela janela.

— Passámos a entrada certa. Isto foi dar a volta.

— E chegámos vivos.

A condutora saiu e abriu a bagageira.

— Ninguém toca em nada até tirarmos a tenda.

Uma rapariga saltou do banco de trás.

— Preciso da minha mochila.

— Está debaixo da tenda, Clara.

— Tenho lá o protetor solar.

— Está debaixo da tenda com a mochila.

Martim aproximou-se e puxou uma das alças. Um rolo de espuma caiu-lhe sobre os pés.

— Finalmente, concorrência — disse Diogo.

A condutora riu-se.

— Sou a Beatriz. O homem soterrado é o Martim.

Clara contornou o carro.

— E eu sou a pessoa que avisou que isto estava mal arrumado.

Tomás ajudou Martim a baixar a tenda. Era pesada, com uma divisória interior e um saco que parecia feito para transportar equipamento militar.

— Vocês ficam até quando? — perguntou Beatriz.

— Eu, até sexta. Saio ao fim do dia. Trabalho no sábado.

— Cinco dias?

— Cinco.

Diogo encostou-se ao carro.

— Eu ainda estou a negociar com a realidade.

— Ele veio comigo — explicou Tomás.

— Também posso voltar de autocarro.

— Podes.

Diogo endireitou-se um pouco, mas Beatriz já estava a tirar uma garrafa de trás do banco.

— Nós ficamos a semana. Se precisarem de guardar alguma coisa na mala...

— Uma coluna — disse Diogo.

— Não.

— Nem viste o tamanho.

— Foi o entusiasmo com que disseste que me assustou.

Quando os três começaram a montar a tenda, Tomás pegou no telemóvel. O pai pedira que ligasse à chegada. A mensagem que enviara continuava por entregar.

Experimentou junto ao carro. Depois, no caminho principal, onde apareceu uma barra e logo desapareceu.

Passou pelo bloco dos lavatórios até um muro baixo que separava o parque de uma faixa de terreno seco. Duas pessoas estavam encostadas ali, ambas com o telemóvel levantado.

Tomás parou a alguns metros. As notificações chegaram todas juntas.

— Então? — disse o pai, ao atender.

— Já chegámos.

— Correu bem?

— Correu.

— O carro?

— Também chegou.

O pai soltou um ruído breve, quase uma gargalhada. Perguntou pela viagem, pelo parque e pela comida que a mãe mandara. Ao fundo, uma chave caiu sobre metal.

— Estás aí sozinho? — perguntou Tomás.

— O Rui foi buscar uma peça.

— O carro cinzento ficou pronto?

— Ficou.

Seguiu-se um silêncio. Tomás encostou a palma ao muro quente.

— Descansa — disse o pai. — Não te puseste na estrada para continuar a falar da oficina.

— Eu é que perguntei.

— Pois. E sábado estás cá.

— Estou.

Depois de desligar, ficou mais um momento ali. Cheirava a mato quente e sal. Não se via o mar, mas parecia mais perto do que junto às tendas.

Mandou à mãe uma mensagem a dizer que as bifanas estavam boas e guardou o telefone.

Leonor aproximava-se com uma garrafa de água na mão.

— É aqui que funciona?

— Mais ou menos.

Ela encostou-se ao muro. O ecrã acendeu-se.

— Finalmente.

— Conseguiram arrumar tudo? — perguntou.

— A tenda ainda está de pé, se é isso que estás a perguntar.

— Não estava.

Leonor bebeu água.

— A tua estaca vai voltar.

— Não estou preocupado.

— A Inês está a fazer um inventário para ninguém te roubar nada.

— Isso preocupa-me mais.

Ela riu-se. O telefone vibrou antes de responder.

Tomás afastou-se.

— Até já.

Leonor ergueu a mão, já a atender.

Enquanto regressava, ouviu-a dizer:

— Sim, mãe. Já montámos.

Uma pausa.

— À primeira, claro.

Tomás continuou a andar, com a boca puxada para um lado.

CAPÍTULO 3

Oito à mesa

A botija de gás não servia no fogareiro.

Leonor descobriu-o depois de cortar a cebola.

Inês segurava a base enquanto Tomás examinava a ligação. Ele rodou a peça uma vez, tentou encaixá-la e voltou a retirá-la.

— É de outro sistema.

— O meu pai comprou esta — disse Leonor.

— Deve ter confundido.

— Mas diz camping.

Inês inclinou-se para ler.

— A tenda também dizia três pessoas. Hoje couberam lá duas e um funeral.

Tomás tentou a ligação mais uma vez, sem forçar.

— Não dá.

Inês pousou o fogareiro.

— Fazemos uma salada.

Leonor tinha massa, uma lata de tomate, atum e a cebola já cortada.

— Salada de quê?

— Do que houver.

— Massa crua?

— Deixa-se em água.

Tomás levantou os olhos.

Inês suspirou.

— Estou a contribuir com ideias, não com formação.

Beatriz apareceu com uma caixa de fósforos.

— Alguém tem sal?

Leonor ergueu o pacote.

— E uma panela cheia de nada.

Explicaram o problema. Beatriz espreitou para a panela e chamou Clara.

— Nós temos um fogareiro que funciona. Vocês têm onde fazer a massa.

— Comprei um quilo — disse Clara.

— Para três pessoas — acrescentou Beatriz.

— Estava em promoção.

Tomás pegou na panela.

— Cabe aqui.

— Então jantamos juntos — decidiu Beatriz.

Diogo vinha do bloco dos lavatórios com uma toalha ao ombro.

— Há jantar?

— Está a haver uma fusão — respondeu Inês.

— Eu apoio.

Encostaram as mesas, acertaram os pés e distribuíram as cadeiras. Uma união ficou mais alta do que a outra; Martim meteu por baixo de um pé uma pedra que se desfez assim que largou o peso.

— Essa é areia com ambição — comentou Diogo.

Martim levantou a mesa outra vez e experimentou uma pedra menor.

— Tens cinco segundos para arranjar uma melhor.

Diogo encontrou uma, demasiado grande.

— É preventiva.

— Guarda para quando quisermos jantar inclinados.

Beatriz passou-lhes uma cunha de madeira que trazia no carro.

— Vocês fazem barulho; eu resolvo.

Martim encaixou-a.

— Era mais rápido se tivesses trazido isto logo.

Ela deu-lhe uma pancada leve no ombro ao passar.

Leonor tomou-os por namorados. Depois Beatriz afastou-se para atender o telefone, e Martim ficou com a mão pousada na mesa até ela virar costas.

Inês retirou duas mochilas do banco. Clara distribuiu pratos reutilizáveis.

— Estes voltam comigo.

Diogo escolheu o amarelo.

— Sinto muita desconfiança.

— Encontraste a tua toalha?
Ele levou a mão ao ombro. Tinha-a deixado no chão junto à geleira.

Clara não precisou de acrescentar nada.

Leonor retomou a cebola. A faca fez a mesa abanar.

Tomás agachou-se, dobrou um pedaço de cartão e meteu-o debaixo do outro pé.

— Obrigada.

— Esta não precisa de estaca.

Ela esperou que ele se levantasse.

— Vais usar isso a semana toda?

— Depende do material que deres.

Leonor sorriu antes de voltar à faca.

Do outro lado do caminho, o homem da cadeira azul acendeu um candeeiro preso à tenda.

— Hoje já vão cozinhar?

Inês ergueu a cebola.

— Estamos a elevar a dificuldade.

— Fazem bem. Amanhã tentem dormir.

A gargalhada de Diogo chegou ao talhão seguinte.

O rapaz da tenda pequena levantou a cabeça. Chegara ao fim da tarde, com uma mochila e um saco de pano, e montara tudo sem pedir ajuda. Agora comia diretamente de uma lata.

— Queres jantar? — chamou Inês.

Ele ergueu a lata.

— Estou a jantar.

— Isso é o quê?

— Feijão.

— Só feijão? — perguntou Diogo.

O rapaz consultou o conteúdo.

— Até agora.

— Temos massa — disse Inês. — Ou vamos ter. Ainda há várias fases.

Ele observou o grupo.

— Não quero dar trabalho.

— Então não cozinhes — respondeu Beatriz, de regresso.
— Senta-te.

Antes de se levantar, tirou da mochila uma lata de sardinhas e um pacote de bolachas.

— Tenho isto.
— Sobremesa — anunciou Diogo.
— Era o pequeno-almoço.
— Tinhas um plano curto.
O rapaz pousou as duas coisas na mesa.
— Rafael.

Leonor apresentou-se e indicou Inês, que lavava os tomates numa taça. Os outros disseram os nomes enquanto procuravam onde o sentar.

Faltava uma cadeira.
Rafael trouxe a mochila.

— Isto serve.
Clara desviou a dela para lhe abrir espaço.

— Ficas baixo.
— O jantar é em cima. Eu chego lá.

Ela riu-se e voltou a aproximar o banco, deixando um lugar ao lado.

Beatriz pôs água ao lume. Tomás perguntou por uma frigideira.

Inês virou-se para Leonor.
— O teu pai mandou uma.
— Isso era a caixa da salada.
— Parecia uma frigideira dentro do saco.

Beatriz mostrou-lhes a sua. Era pouco maior do que um prato de sobremesa.

Rafael abriu o saco de pano e tirou de lá outra, embrulhada numa T-shirt.

Clara inclinou-se para ver.
— Trouxeste uma frigideira a pé?
— Não foi sozinha.
— Cozinhas? — perguntou Beatriz.
— Trabalho num restaurante.

Diogo bateu uma vez com a mão na mesa.

— Estamos salvos.
— Sirvo à mesa.
— Estragaste um momento bonito.
Rafael entregou a frigideira a Tomás.
— Também sei lavar pratos.
— Não desapareças depois de comer — disse Inês.

Enquanto a água aquecia, Clara pegou na coluna de Beatriz e escolheu uma música.

Martim abriu a boca para protestar. Ela antecipou-se.

— Esta ainda não deu no carro.

— Deu numa estação de serviço.

— Isso não conta.

— O refrão ficou a viver comigo.

Beatriz inclinou-se sobre o ecrã.

— Põe a outra. Aquela de que não sabes a letra.

Clara iniciou a canção.

Martim cantou a primeira frase, trocou uma palavra e fez Beatriz rir. Tentou corrigir-se; ela mandou-o continuar como estava.

Leonor deitou a massa na panela. Tomás mexia a cebola com uma colher de madeira.

— Queres que abra o atum?

— Sim.

Tinham três latas, contando com a de Beatriz. Leonor puxou a argola da primeira e ficou com ela na mão.

Ergueu-a entre dois dedos.

— Não comentes.

Tomás apertou os lábios.

— Não ia.

— Ias.

— Agora já não posso provar.

Leonor pousou a lata, a rir. Ele tirou um canivete do bolso.

— Dá cá.

— É a tua terceira intervenção.

— Não estou a contar.

— Eu estou.

— Então abre a próxima.

Ela puxou a segunda argola com um cuidado exagerado. A tampa levantou-se inteira.

Mostrou-lha.

Tomás concedeu-lhe a vitória com um movimento da cabeça.

À mesa, Diogo descrevia uma prancha insuflável onde supostamente cabiam três pessoas.

— Quem remava? — perguntou Inês.

— Alternávamos.

— Portanto, ninguém.

Clara procurou fotografias da praia no telemóvel. Queria ir cedo. Beatriz queria dormir. Martim propôs que os primeiros levassem as toalhas dos últimos.

Inês perguntou onde se tomava o pequeno-almoço.

Leonor preparou-se para sugerir uma hora, mas Rafael falou primeiro.

— Amanhã só vou saber amanhã.

Clara levantou os olhos.

— Nem tens um plano?

— Tenho de acordar.

— Isso não é um plano.

— Depois do último mês, parece-me ambicioso.

Ela bloqueou o telefone.

— Eu acordo-te.

Rafael pousou a garrafa.

— Assim já deixa de ser descanso.

Clara abriu novamente o ecrã, desta vez para tirar uma fotografia à panela.

A massa passou um pouco do ponto. Não havia escorredor; Beatriz e Tomás seguraram a tampa com uma toalha e despejaram a água devagar, afastados das tendas.

Inês provou o molho.

— Falta qualquer coisa.

Leonor provou também.

O pacote de sal continuava fechado.

Acrescentaram-no, misturaram tudo e serviram com uma chávena. As sardinhas ficaram abertas no centro da mesa, ao lado dos tomates.

Diogo esperou que todos se sentassem antes de começar, embora nos últimos dez minutos tivesse anunciado três vezes que ia morrer.

Leonor ficou entre Inês e a cadeira remendada de Tomás. Na outra ponta, Clara pousou uma almofada sobre a mochila de Rafael.

— Vais querer isto de volta limpo? — perguntou ele.

— Vou.

— Estás a criar expectativas difíceis.

Ela sentou-se, satisfeita.

A conversa abrandou. O molho estava quente, a massa mole e a cebola tinha pedaços demasiado grandes. Leonor encontrou um junto ao atum e esmagou-o com o garfo.

Tomás viu.

Ela rodou um pouco o prato.

Ele serviu-se de mais molho.

Dois talhões adiante, alguém lavava loiça numa bacia. Por cima das árvores, o céu já perdera a claridade branca da tarde.

— Quem fez isto? — perguntou Diogo.

Inês apontou em várias direções.

— A responsabilidade está espalhada.

— Está bom.

— Tu estavas disposto a comer massa crua — lembrou Leonor.

— E mesmo assim o elogio foi sincero.

Beatriz provou outra garfada.

— Melhor do que o meu jantar de ontem.

— Uma tosta queimada — disse Martim.

— De um lado.

— Dos dois.

— Tu comeste.

— Tirei o pior.

Ela tocou-lhe no braço com o cabo do garfo. Martim respondeu empurrando-lhe a travessa dos tomates para mais perto.

As bolachas passaram de mão em mão depois do jantar. Diogo pediu uma terceira e Rafael entregou-lha com um suspiro.

Leonor procurou o telefone.

— Prometi uma fotografia à minha mãe.

Inês limpou a boca.

— Da tenda não.

— Da mesa.

Diogo levantou a bolacha. Beatriz afastou uma garrafa que tapava Clara. Leonor esticou o braço, mas Rafael ficou de fora.

— Dá-me — disse Tomás.

Levantou-se, recuou dois passos e tirou a fotografia antes de Diogo acabar de pedir que esperassem.

Leonor examinou-a. Inês ria-se, Beatriz tinha a mão no ombro de Martim e Clara falava com Rafael. Diogo aparecia de boca aberta.

Ao lado dela, a cadeira de Tomás estava vazia.

— Falta o fotógrafo.

Ele recolheu um prato.

— Não faz mal.

Leonor pousou o telefone numa geleira, encostado a uma garrafa, e ativou o temporizador.

— Agora faz.

Tomás voltou à cadeira. Inês começou a contar em voz alta; Diogo tentou esconder a bolacha e deixou-a cair no prato.

A fotografia apanhou todos a rir.